

A TRISTE HISTÓRIA DA CRIANÇA NO BRASIL*

José Roberto do Amaral Lapa

Professor do Departamento de História do IFCH/Unicamp
e Diretor do Centro de Memória — Unicamp.

Sem dúvida uma idéia feliz que resultou num belo livro, em vários sentidos, tanto pelo tema como pelas abordagens, feitas por professores universitários, entre os quais predominam os historiadores. Há tristezas e alguma alegria, tiradas do nosso cotidiano ao longo de cinco séculos, penumbradas umas, ostensivas outras.

Num país em que a questão da criança transformou-se em grande parte numa tragédia nacional, a oportunidade do livro ao conferir uma dimensão histórica àquela questão, é inegável, como também o é o fato do texto ser uma história pontilhada pela aflição e sofrimento, pela falta de afeto, pelos equívocos do tratamento que as crianças recebem, pela interdição ao exercício da infância e ainda pelas requisições onerosas que a sociedade lhes faz, desde épocas afastadas.

Desde os pequenos órfãos importados de Lisboa pelos jesuítas, no seu afã de aplicação do *Ratio Studiorum* e de proselitismo e evangelização, para atrair as outras crianças, isto é, os culumins seduzidos pelo exemplo teatralizado e ritualizado, para através deles atingir os adultos, até chegarmos aos filhos de imigrantes, robotizados no interior das fábricas de São Paulo, vítimas de acidentes de trabalho, esta história passa ainda pelos bebês deixados na Roda dos Enjeitados e pelos *ingênuos*, filhos de escravas, livres na consagração do Direito, mas escravos na prática da sociedade.

Portanto, como dissemos, uma história no geral triste, e não poderia ser de outra maneira. São crianças que praticamente não tiveram infância, como podemos conceber essa idade aqui no Ocidente, com as transformações que o conceito e a prática social da puerícia, da infância e adolescência sofreram entre nós.

Abandonadas por indesejáveis, geradas porque úteis como força de trabalho, desde cedo requisitadas na luta pela sobrevivência da família, viciadas ou dessexualizadas, as crianças que desfilam ou vagam por estas páginas compõem uma história marcada pelo medo, pela disciplina e repressão na qual as imposições dos adultos frustram os sonhos, recolhem as brincadeiras, interditam a irreverência, para poderem fazer deles pequenos adultos na obediência aos deveres, na responsabilidade e no comportamento.

Verifica-se, assim, que apesar da evolução dos direitos da criança, das mudanças do Estado e das instituições perante o seu problema, certas situações viciosas persistiram, atravessando os séculos.

A identificação dessa idade é no geral aquela que lhe confere, com fundamento numa lei natural e irrevogável, a irresponsabilidade, a fraqueza, a distração e o descuido, a imprudência, que devem ser corrigidos para a sua integração numa sociedade de classes produtivas, que no geral reserva à criança os códigos, dos quais os maiores beneficiários são os adultos.

Para chegarmos ao quadro de desgraça nacional, com que nos exibimos hoje ao mundo, com o relatório da CPI da Câmara dos Deputados sobre a violência contra menores e adolescentes, denunciando o extermínio de três mil menores em 1990-1991, com os exterminadores recebendo uma taxa de 5 a 50 mil cruzeiros *per capita* por esse "trabalho" degradante; com 17 milhões de menores abandonados, vagando pelas ruas ou em condições desumanas, depositados em recintos do Estado. Com as perplexidades e expectativas com que a sociedade se posiciona perante iniciativas como a do Estatuto da Criança e do Adolescente, mas, e também, com os menores assassinos agindo cada vez com maior frequência e ousadia; drogados, violentados, brutalizados pelos próprios pais, seqüestrados, estuprados; meninas escravizadas na Amazônia e toda uma sucessão de desgraças que deixam a nação estarecida, a história de suas crianças não podia realmente ser outra, mostrando a permanência de situações que tornam a nossa sociedade como que falida diante dessa questão.

Quanto a esta antologia, registre-se uma ausência. Embora a temática tenha sido variada e rica a sua problematização, nas diferentes abordagens que o livro apresenta e que cobrem toda a nossa história, nele não figuram as crianças bem-nascidas, isto é, os filhos de senhores de engenho e fazendeiros de café, dos que chegavam a ter seu preceptor particular e estrangeiro em casa, dos internos nos colégios bem pagos do Império, dos filhos dos barões, que inclusive nos deixaram diários e memórias, que constituem fontes primárias de primeira grandeza para o seu estudo, para não falarmos da literatura que suscitaram, os romances, contos, novelas e peças de teatro da época.